

A MELHOR APOLOGIA

RAUL PILLA

JOSE' AUGUSTO publicou, há dias, no «Diário de Notícias», um artigo oportuníssimo. Sendo o caso da França o grande argumento dos nossos presidencialistas, mostrou êle, baseado em documentos e autoridades incontestáveis, o que tem sido o sistema parlamentar francês. Tem êstes defeitos graves, que se devem a um fato histórico, e desnaturam o regime, transformando-o praticamente em govêrno de assembléia. Aí reside a causa da instabilidade ministerial, característica da França, pois não se verifica em nenhum outro país parlamentarista.

Sendo, porém, a instabilidade um defeito, tamanhas são as virtudes do govêrno coletivo e responsável, que estas compensam sobejamente aquêle. A nação não padece sensivelmente com a instabilidade, que apenas será incômoda aos governantes: nenhum dêles se pode considerar confortavelmente instalado no poder, como sucede entre nós.

A melhor prova de que os franceses não se dão mal com o seu sistema de govêrno é que o têm conservado, não obstante tenham tido oportunidade de o substituir. Sabem onde está o defeito, mas não se preocupam grandemente com êle, porque, postos entre a instabilidade e a irresponsabilidade, preferem sensatamente como Ruy Barbosa, a instabilidade. E, os que pensam como Paul Reynaud, em corrigi-la, o que pretendem realmente é adotar os cânones do parlamentarismo clássico.

Tudo isto está explicado no grande artigo de José Augusto. Mas a sua parte mais interessante é o julgamento de franceses ilustres a respeito do regime vigente no seu país. Citarei um sômente: Vicente Auriol, o atual presidente da República «Esta constituição de 1875 organizou a democracia política e esta permitiu realizar, à custa de muitos esforços e através de numerosas provas, uma obra considerável que honra a França».

Assim, longe de provar contra o sistema parlamentar, o caso da França é, por vários aspectos, a sua melhor apologia. E' o pelos defeitos, que não pertencem ao sistema, e pelas virtudes ao sistema inerentes.